

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

MARIA JULIA RODRIGUES MENDES

**OS SABERES DO DIVINO QUE HABITAM EM MIM:  
Visualidades afetivas da Romaria do Divino Pai Eterno em  
Trindade, Goiás**

GOIÂNIA, 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Maria Julia Rodrigues Mendes

Título do trabalho: Os saberes do Divino que habitam em mim: visualidades afetivas da romaria do Divino Pai Eterno em Trindade, Goiás.

**2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM  NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

**Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 08/12/2025, às 14:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Julia Rodrigues Mendes, Discente**, em 09/12/2025, às 11:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5791647** e o código CRC **332D7116**.

MARIA JULIA RODRIGUES MENDES

**OS SABERES DO DIVINO QUE HABITAM EM MIM:  
Visualidades afetivas da Romaria do Divino Pai Eterno em  
Trindade, Goiás**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Artes Visuais Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu  
Coorientador: Prof. Dr. Jossier Sales Boleão

GOIÂNIA, 2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rodrigues Mendes , Maria Julia  
OS NÃO SABERES DO DIVINO QUE HABITAM EM MIM:  
visualidades afetivas da Romaria do Divino Pai Eterno e a formação  
docente em artes visuais. [manuscrito] / Maria Julia Rodrigues  
Mendes . - 2025.  
LXXI, 71 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu; co-orientador Dr.  
Jossier Sales Boleão.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,  
Cidade de Goiás, 2025.

Bibliografia.

Inclui fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Cultura Visual. 2. Visualidades Populares. 3. Formação Docente.  
4. Romaria do Divino Pai Eterno. I. Luzia de Abreu, Carla, orient. II.  
Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Os saberes do Divino que habitam em mim: visualidades afetivas da romaria do Divino Pai Eterno em Trindade, Goiás”, de autoria de Maria Julia Rodrigues Mendes, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Luzia de Abreu - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Luiz Henrique Arantes Araújo Olivieri (FAV/UFG) e prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nayara Joyse Silva Monteles - membra externa (IFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,5, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nayara Joyse Silva Monteles, Usuário Externo**, em 05/12/2025, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Henrique Arantes Araujo Olivieri, Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 12:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5791663** e o código CRC **38A4B2E1**.

Referência: Processo nº 23070.059514/2025-18

SEI nº 5791663

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Barracas de Pastel, 2016 .....	13
Figura 2. Barracas de Pastel, 2025 .....	14
Figura 3. Igreja Matriz do Divino Pai Eterno, década de 1930, à frente, o antigo coreto, edificado em 1926.....	21
Figura 4. Painéis da Rodovia dos Romeiros, na GO-060.....	22
Figura 5. Igreja Basílica na Romaria do Divino Pai Eterno.....	23
Figura 6. Igreja Basílica.....	23
Figura 7. Canteiro de obra do novo Santuário .....	24
Figura 8.Sino Vox Patris chegando em Trindade, em junho de 2025.....	25
Figura 9. Beco dos Aflitos, 1939 .....	27
Figura 10. Beco dos Aflitos, 2025 .....	28
Figura 11. Castelinho do Beco dos Aflitos.....	29
Figura 12.Barracas de Comida, Praça Constantino Xavier, 2025 .....	30
Figura 13. Carrossel de um dos parques de diversão, 2025.....	31
Figura 14. Parque durante a Festa de Trindade, por volta de 1940.....	32
Figura 15. Rodovia dos Romeiros na GO-060 .....	33
Figura 16. Pedidos para o Divino.....	34
Figura 17. Eu, meus pais e minha irmã no banquinho, ano de 2004 .....	36
Figura 18.Vendinha da Dona Lázara.....	37
Figura 19.Carros de boi, Trindade, Goiás. ....	38
Figura 20. As dualidades da vida, 2025 .....	43
Figura 21. Muladeiros em prece, 2025 .....	44
Figura 22. Entrada para o Carreiródromo, durante a festa.....	46
Figura 23.Ofertas de serviço, aluguel de calçadas e banhos.....	47
Figura 24.Queimada em um lote vago ao lado de minha casa .....	49
Figura 25.Mulher rezando um terço, 2025 .....	54
Figura 26.Multidão esperando o desenrolar da Festa, 2025 .....	55
Figura 27.Romeiro dormindo no chão da igreja, 2025.....	56
Figura 28.Romeiro subindo a rampa da igreja de joelhos, 2024 .....	57
Figura 29.Imagem da Santíssima Trindade, abrindo o desfile dos carreiros .....	58
Figura 30.Presilhas de cabelo, 2025 .....	59
Figura 31.Carreiro com chapéu adornado com a logo de Monster .....	60
Figura 32. Performance artística de estátua viva.....	61
Figura 33.Placa de identificação dos carreiros .....	62

Figura 34. Carreiro bebendo água durante o desfile .....	63
Figura 35. Romeiros na Procissão da Penitência, carregando seus bancos.....	64
Figura 36. Desfile dos Carreiros, 2025 .....	65

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga como as visualidades da Romaria do Divino Pai Eterno, realizada em Trindade (GO), atravessam as experiências de vida da autora e contribuem para a construção de sua identidade docente em Artes Visuais. A pesquisa parte de memórias individuais, de observações da cultura popular e do trabalho de campo realizado durante as festas de 2024 e 2025, buscando compreender de que maneira imagens, práticas devocionais e expressões culturais presentes na Romaria constituem repertórios formativos. O estudo fundamenta-se nas teorias da Cultura Visual, e articula conceitos de visualidades populares, memória, afetos e processos de subjetivação docente. Metodologicamente, adota-se o caminhar como prática investigativa, compreendido como um método sensível e encarnado, que permite observar, registrar e interpretar visualidades a partir de uma perspectiva situada, afetiva e crítica. Os resultados apontam que as imagens e narrativas da Romaria mobilizam sentidos de pertencimento, revelam camadas históricas e simbólicas da cultura goiana e favorecem deslocamentos no olhar, contribuindo para a formação de uma prática docente mais sensível, crítica e descolonizada. Conclui-se que as visualidades populares da Romaria podem se configurar como dispositivos pedagógicos para o ensino de Artes Visuais, ampliando o repertório imagético, despertando a criticidade e aproximando a formação docente dos contextos culturais populares.

**Palavras-chave:** Cultura Visual; Visualidades Populares; Formação Docente, Romaria do Divino Pai Eterno.

## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis investigates how the visualities of the Romaria do Divino Pai Eterno, held in Trindade (Goiás, Brazil), permeate the author's life experiences and contribute to the construction of her teaching identity in Visual Arts. The research draws on personal memories, observations of popular culture, and fieldwork conducted during the 2024 and 2025 festivities, seeking to understand how images, devotional practices, and cultural expressions present in the pilgrimage serve as formative repertoires. The study is grounded in Visual Culture Studies and articulates concepts of popular visualities, memory, affect, and processes of teacher subjectivation. Methodologically, it adopts walking as an investigative practice, understood as a sensitive and embodied method that allows for observing, recording, and interpreting visualities from a situated, affective, and critical perspective. The results indicate that the images and narratives of the pilgrimage mobilize senses of belonging, reveal historical and symbolic layers of Goiás' culture, and promote shifts in perception, contributing to the development of a more sensitive, critical, and decolonial teaching practice. It concludes that the popular visualities of the Romaria may function as pedagogical devices for Visual Arts education, expanding visual repertoires, fostering critical thinking, and bringing teacher education closer to popular cultural contexts.

**Keywords:** Visual Culture; Popular Visualities; Teacher Education; Romaria do Divino Pai Eterno.

*Dedico a todos que veem a vida com outros olhos, aos artistas e professores que transformaram a minha trajetória.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus orientadores, Carla de Abreu e Jossier Boleão, que me auxiliaram e me guiaram entre minhas dificuldades e ansiedades. Agradeço também ao colegiado, às minhas professoras e professores que me acompanharam em jornadas afetivas do olhar. Agradeço ao professor Elinaldo, que com sua forma poética de enxergar a vida me ensinou que brincar também é ensinar e aprender. Agradeço a minha família, minha mãe Cátia, minha irmã Maria Clara, meu pai Neto, minha avó Prosolina e as minhas tias, Selma e Cássia, por me auxiliarem em várias etapas da graduação e por me ensinarem a ser quem eu sou. Obrigada ao meu namorado, que por muitas vezes ouviu meus lamentos e me auxiliou entre as dificuldades. Por fim, agradeço aos meus amigos, pelo apoio constante e pelos ensinamentos trocados.

## SUMÁRIO

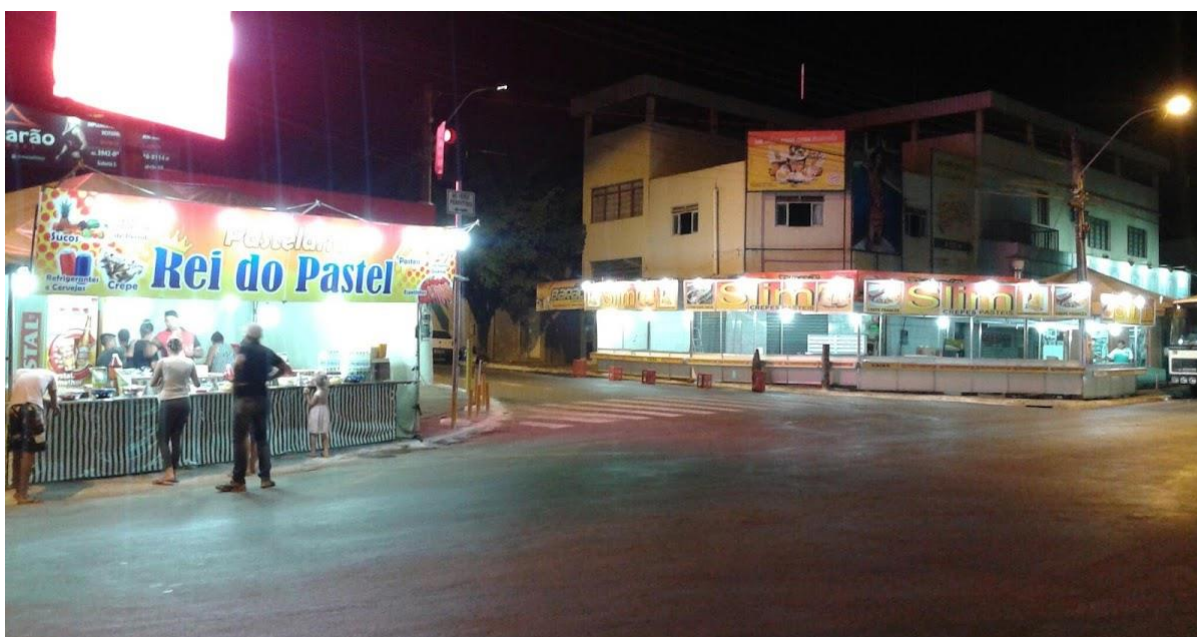
<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS .....</b>	<b>1</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. Quem mora em Trindade é o que?.....</b>	<b>18</b>
1.1 Trindade: contexto histórico e sua relação com a Festa religiosa .....	18
1.2 Como a Romaria é hoje: A cidade e as suas visualidades .....	25
<b>2. As rezas que eu quis rezar.....</b>	<b>34</b>
2.1 A contemplação .....	39
2.2 Os saberes populares: A festa está chegando!.....	45
<b>3. Peregrinação visual .....</b>	<b>50</b>
3.1 O caminhar como método .....	50
3.2 A prática do ver e do sentir .....	52
<b>4. Discussões finais .....</b>	<b>66</b>
<b>Referências .....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

Durante toda a minha infância, quando o frio chegava, eu já sabia que a festa de Trindade estava próxima. Às 5 horas da manhã, ouvia o ranger estridente das rodas dos carros de boi passando em frente à minha porta – um som que talvez para muitos poderia significar apenas incômodo; para mim, anunciava a chegada de um tempo sagrado.

A cidade se transformava: vizinhos comentavam a movimentação, familiares se organizavam para receber parentes de outras regiões e, no ar, começava a surgir um cheiro de café recém-coado, típico das madrugadas da Romaria. O comércio ganhava vida, as ruas se enchiam de pequenas mudanças que só quem viveu muitas edições da festa consegue perceber. Quando a primeira barracquinha de pastel se instalava, iluminando a calçada, meu coração de criança se alegrava e eu pensava feliz: “Chegou!”. Era como reencontrar algo que nunca ia embora por completo – uma presença que marcava meu calendário afetivo e que me ensinava a sentir a cidade com outros olhos.

*Figura 1. Barracas de Pastel, 2016*



Fonte: Foto de Sérgio Vieira, capturada no website blog do Sérgio Vieira, Acesso: 24 out 2025

Figura 2. Barracas de Pastel, 2025



Fonte: Arquivo pessoal

Como aponta Didi-Huberman (2012, p. 208), “a imagem arde em seu contato com o real. Inflama-se, e nos consome por sua vez” e, então, consumida, me movo por memórias, imagens, ruas e conhecimentos em busca de respostas do porquê essas visualidades populares me cercam e pedem a devida atenção. E é dessa necessidade de buscar tantos saberes que me atento mais ainda para o fato de que crescer dentro de uma expressão cultural de tamanha magnitude, como a Romaria do Divino Pai Eterno, é força suficiente para se tentar compreender esse incêndio que se inicia em suas visualidades, pois

(...) o ser humano, ele mesmo, é cultura, com a qual age no mundo, manifesta-se, expõe, diz, canta, ópera sentidos para a vida e para a morte, para as travessias e para os pontos cruciais de sua vida cotidiana, como comer, morar, vestir, rezar. (Almeida, 2018, p. 9)

Nesse sentido, a existência do ser humano já se faz cultural, entendo agora que os fiéis, as barracas, os bois, as mulas e os santos ganham um nome chique no meu vocabulário. Consigo perceber o viés da cultura popular e a dimensão simbólica da cultura visual, mas ainda há algo que não sei. Nas minhas orientações para a realização deste projeto, em meio a choros emocionados, ouvi o seguinte conselho: “A gente que é das artes enxerga tudo com outros olhos”. Então, entendi que os

saberes populares, tão vivenciados por mim, também poderiam estar na educação, por que não?

Neste final de curso, prestes a conseguir meu desejado certificado de Licenciada em Artes Visuais, a Romaria do Divino Pai Eterno ajudou-me a querer compreender como me localizo enquanto educadora atravessada por cheiros, cores, rostos e maneiras de ser e existir. São vivências que chegam em Trindade com lamentos estridentes de rodas de aço, pés e joelhos cansados das pessoas que constroem esta festa popular.

Isto me remete à afirmação de Paulo Freire (1996, p. 106), na qual ele afirma que “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”. Dessa forma, entendo que as minhas vivências individuais me guiam por um caminho que me torna alguém empática. É no saber e nos saberes que ainda não sei, que posso enfim compreender aqueles e aquelas que veem até mim em busca de aprender. Então, como educadora, ser “gente” é tão importante quanto dominar os conhecimentos da história da arte, das técnicas, da interpretação de imagens, pois, apenas ao se reconhecer é possível reconhecer o outro e enfim aprender a ter (e ensinar) autonomia.

Assim, ao pensar sobre as possibilidades temáticas para construir este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), compreendi que trabalhar com as visualidades populares da Romaria do Divino Pai Eterno é estar em um processo de peregrinação em busca de respostas ou novas perguntas para aquilo que me move como pessoa e como educadora. Pois,

As questões desalojadoras de concepções fixas de popular tem a ver com os desalojamentos docentes. Que professores e estudantes, cada um à sua maneira, passa por determinados enfrentamentos nas suas questões que implica em enfrentamentos e deslocamentos de si mesmos enquanto investigadores. (Guimarães, 2014, p. 2363)

Partindo dessas questões desalojadoras (mas também inspiradoras), tenho como **objetivo** geral analisar o impacto das representações visuais da Romaria do Divino Pai Eterno na constituição de minhas experiências de vida e nos processos de formação docente em Artes Visuais, a fim de compreender de que forma essas visualidades podem favorecer a expressão subjetiva e a construção da identidade formadora nos processos formativos em Artes visuais.

Além disso, investigar como as visualidades de festas tradicionais, a exemplo da Romaria em Trindade, influenciam a formação docente. Por fim, tenho expectativas de que o contexto desta pesquisa possa representar a minha experiência formativa e estética, a partir da Festa de Trindade, considerando-a como elemento referencial para as reflexões no campo de formação de docentes em Artes Visuais.

Nos processos de escrita deste trabalho, me deparei com uma metodologia que me pareceu apropriada para explicar meus processos: A prática do caminhar. Aqui, compreendendo o deslocamento e o ato de caminhar como elementos essenciais à nossa sobrevivência, tendo raízes na história, nos costumes e ritos tradicionais, incluindo aqueles de origem pagã e amplamente difundidos pela Igreja Católica.

Ao assumir essa perspectiva, me coloco como peregrina, não apenas dentro do sentido de cunho religioso, mas também como aquele que se dirige de um lugar ao outro, remontando meu percurso físico e memorial da Festa de Trindade. Baseando-me nos estudos de Francesco Careri (2013), adoto a definição deste processo como “ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação de caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa)” (2013, p. 31).

Essa prática do caminhar, definida ainda por Careri (2013), como uma atividade estética, me guia durante minhas investigações pelas ruas de Trindade, agora modificadas por pessoas e barracas, na intenção de se estudar tal evento cultural com maior vagareza e minuciosidade, assim como aponta Chaveiro (2013, p.11) sobre as investigações relacionadas às tradições: “na extrema sutileza podem residir gestos de grandeza simbólica. São esses gestos que tecem o enredo de sentido, muitas vezes despercebido por quem não os vivência”.

Assim, ao valorizar a sutileza do caminhar, poderei demonstrar, por meio das imagens capturadas na festa, momentos únicos que contribuirão para construir a dimensão narrativa e crítica deste trabalho.

Para o itinerário desta caminhada, iniciei com um levantamento bibliográfico, além de reunir textos e anotações realizadas ao longo de quatro anos de formação acadêmica. Ativei minhas memórias, organizei imagens mentais, leituras realizadas, revisei espaços, juntei fotografias antigas, dialoguei com amigos e

docentes, e, gradualmente, construí ilhas de conhecimentos que atuaram como guia no meu processo de organização.

Dessa forma, pude compreender melhor a história da cidade, sua relação com a Romaria e suas expressões visuais, tanto antigas quanto atuais. A partir desse entendimento, estabeleci conexões entre tradição, educação e minha própria experiência. Utilizei fotos da Romaria do Divino Pai Eterno de 2024, a priori, já capturadas por mim com o objetivo de realizar esta pesquisa, bem como imagens de 2025, registradas entre os dias 27 de junho e 5 de julho.

Com base nessas capturas, realizo suas distribuições ao longo do trabalho com o intuito de fortalecer minhas narrativas pessoais e promover uma maior proximidade entre o leitor e a celebração da Festa de Trindade, ressaltando suas belezas, suas manifestações visuais populares e suas problemáticas.

Por fim, retomo a importância desta pesquisa, que poderá contribuir com as reflexões no âmbito da formação docente de Artes Visuais, como também servir de auxílio para a construção da identidade educadora, pessoal e profissional, de novas professoras e professores.

## **1. Quem mora em Trindade é o que?**

As reflexões deste trabalho me conduzem aos fundamentos, evidenciando a necessidade de revisitar as origens da cidade de Trindade, assim como os processos históricos relacionados à Romaria do Divino Pai Eterno, com o objetivo de compreender melhor o espaço e suas características, que servem como formadores da identidade local e definem o ponto de partida deste trabalho.

Ao retomar a história de Trindade, apresento uma análise de como seus espaços foram construídos ao longo do tempo, evoluindo até se configurarem nas paisagens que reconhecemos atualmente; além de explorar de que maneira esses elementos, enquanto símbolos, se manifestam na cultura visual. Além disso, procuro identificar as visualidades populares presentes na Festa de Trindade, analisando suas expressões históricas em contraste com as manifestações visuais contemporâneas.

Aqui, retomo a minha questão inicial no intuito de respondê-la. Quem mora em Trindade é o que? São contadores de histórias, expectadoras de uma cultura viva; quem mora em Trindade também pode ser pesquisadora, professora, antropóloga e principalmente, Trindadense.

### **1.1 Trindade: contexto histórico e sua relação com a Festa religiosa**

Município localizado na região oeste do Estado, Trindade está aproximadamente a dezoito quilômetros da capital, Goiânia. Apresenta seu processo de formação histórica, econômica e territorial através das tradições católicas e raízes sertanejas. Conhecida nacionalmente como a “Capital da Fé”, título conferido pelo governador Ronaldo Caiado, em 2023, Trindade conta com uma das maiores romarias do centro-oeste e umas das principais do Brasil, tendo 185 anos de tradição, que integram fé, cultura popular e desenvolvimento cultural e econômico.

Foi em meados de 1840, na região de Campinas ou Campininhas das Flores, que formou-se um aglomerado urbano impulsionado por essa devoção, que mais tarde se tornaria conhecido como Barro Preto. Este povoado está associado a um dos principais mitos fundantes da cidade, o qual se baseia no encontro de uma imagem de barro em formato de medalha, pelo então proprietário de uma olaria, Constantino

Xavier Maria, que representa a coroação da Virgem Maria pela Santíssima Trindade. Porém tal imagem

(...) não encontra respaldo documental, mas encontra-se inserida no conceito popular, acredito que por carência do transcendental que move as massas, especialmente em sítios religiosos. Embora o fato milagroso não seja, necessariamente, essencial à fé do povo, este, acontecido ou criado pelo imaginário popular, realça, dá um sabor diferente ao que até então era corriqueiro ou normal (Jácob, 2010, p. 57).

Movido pela fé, Constantino, juntamente com outras pessoas locais que ali residiam, passaram a rezar o terço diante da imagem recém encontrada. E, assim, a rápida propagação da devoção foi um fato: “[...] fama de graças e milagres ali alcançadas foi aos poucos ganhando o sertão; tanto que, em 1843, foi necessária a construção de um pequeno oratório a que chamaram de ‘Casa de Oração’” (Jácob, 2010, p. 79). Nessa pequena casa, construída por folhas de buriti, foi difundida a Romaria. Com o tempo e o aumento de fiéis, se fez necessário um espaço maior, então, em 1876, se iniciou a construção da Igreja Matriz, tendo sua inauguração em 1912. E, à medida que a fama dos milagres e graças realizadas no povoado do Barro Preto cresciam, proporcionalmente os romeiros também:

Surgiam de todos os lados, de todas as estradas, de todos os caminhos e trilhos. Vinham cantando o rosário e os benditos, ora em grupos ora isolados, em carros de boi, a pé puxando animais arreados, carregando cruces, bandeiras e estandartes. Muitos, vendo ao longe as minúsculas torres da igreja, ajoelhavam-se e terminavam a difícil jornada sobre as feridas dos joelhos (Jácob, 2010, p. 92-93).

O aumento do fluxo de visitantes resultou em uma maior diversidade de pessoas que chegavam a Trindade. Além dos fiéis, o movimento também atraía comerciantes e pedintes que se instalavam as proximidades da Igreja, com intuito de comover e instigar as doações.

A devoção ao Divino Pai Eterno teve, portanto, sua origem em um contexto popular, caracterizado pelo catolicismo, de forte apelo devocional e cuja organização inicial era coordenada pela própria população, uma vez que era:

Um catolicismo dito popular, com muita reza e pouco padre. Muita procissão e menos sacramentos. Um catolicismo patriarcal, festeiro, aglutinador de estratos sociais diversos, seja pelo compadrio como pelo compromisso nas irmandades e associações religiosas (Paiva, 2023, p. 44).

É apenas com o fim do padroado que a devoção de caráter popular muda, ao perder a tutela do Estado. Com isso, a igreja se enfraqueceu e foi necessário uma mudança drástica. Como parte dessa reforma, “as capelas e igrejas passaram para a custódia da igreja enquanto instituição, sendo os Bispos os primeiros responsáveis por elas” (Paiva, 2023, p. 42).

Dessa forma, a chegada dos padres redentorista marca o início da “cristianização” da festa, sendo essas intervenções realizadas não só junto aos romeiros como também com os moradores de Barro Preto, com missões populares, novenas, catequizações e outros para, assim, sacramentar a romaria.

Em 1920, foi criado o município de Trindade, nome dado em homenagem aos garimpeiros Constantino e Ana Rosa. Desde o início, a constituição da cidade foi atrelada à romaria e sofre as influências diretas da igreja católica, contando com marcos que simbolizam ainda mais essa união entre o nascimento de uma cidade e a fé.

Logo no início de sua formação, já houve o tombamento da então chamada Igreja Matriz, posteriormente reconhecida como Igreja Velha, enquanto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. E, em 2016, recebeu um novo tombamento, agora como Patrimônio Cultural Material do Brasil.

*Figura 3. Igreja Matriz do Divino Pai Eterno, década de 1930, à frente, o antigo coreto, edificado em 1926.*



Fonte: Foto capturada do website “Museu Virtual de Trindade”. Acesso em 14 Out, 2025.

Além disso, há também a Via-Sacra, inaugurada em 1988, ao longo da GO-060. Trata-se de um ponto importante de peregrinação dos romeiros. Devotos de diversas localidades, inclusive de outras cidades e Estados, realizam a pé o percurso de cerca de 18 km, que liga Goiânia a Trindade, utilizando a Rodovia dos Romeiros, como ficou conhecida. Este trajeto tem como ponto final o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno e é motivado por propósitos variados, como o cumprimento de promessas, súplicas por graças, gratidão por bênçãos recebidas e a manifestação de fé.

Ao longo da Rodovia dos Romeiros, é possível perceber 14 painéis de 4x10 metros, em alvenaria, criados pelo artista goiano Omar Souto, que ilustram a vida e morte de Jesus Cristo. Esta coleção de painéis foi reconhecida como a maior galeria de arte a céu aberto.

Figura 4. Painéis da Rodovia dos Romeiros, na GO-060.

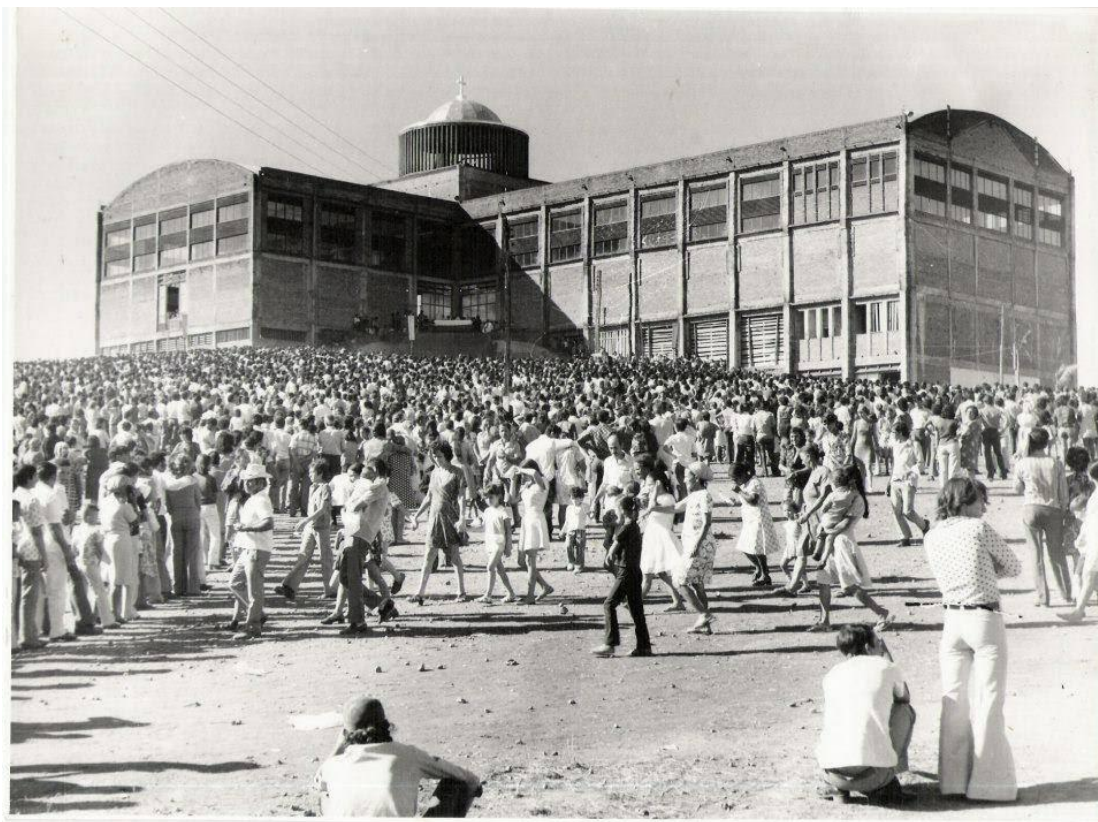


Fonte: Foto capturada do website Trindade-GO. Acesso em 23 out. 2025.

A construção do Santuário durou várias décadas, iniciando em 1943, mas, o templo, só foi inaugurado em 1974. Em 2006, o templo que já recebia muitos devotos, ganhou ainda mais importância quando recebeu o título de Basílica, atraindo ainda mais Romeiros. Este período era caracterizado pela movimentação das pessoas de cidades próximas, apenas durante os dias de festa, passando a ser um evento regional e rapidamente escalando para todo o território nacional. Agora, Trindade recebe os devotos continuamente, durante todo ano, tornando o local um dos principais destinos de peregrinação do país.

Como resultado desse aumento constante de romeiros, a infraestrutura local, especialmente em termos de acolhimento e segurança, exige esforços contínuos de melhoria. Essa demanda se torna crítica durante a Romaria do Divino Pai Eterno, que a cada ano atrai milhões de visitantes.

*Figura 5. Igreja Basílica na Romaria do Divino Pai Eterno*



Fonte: Foto capturada do website “Museu Virtual de Trindade”. Acesso em 14 Out, 2025.

*Figura 6. Igreja Basílica*



Fonte: Foto capturada do website “Museu Virtual de Trindade”. Acesso em 14 Out, 2025. O último projeto em andamento é a construção da Nova Casa do Pai, uma obra de grande porte arquitetônico, com características clássicas e contemporâneas que virá a ser a uma das maiores igrejas do Brasil. Hoje, cerca de uma década depois, a construção ainda não está finalizada.

*Figura 7. Canteiro de obra do novo Santuário*



Fonte: Foto de Wildes Barbosa, capturada do website Jornal Daqui. Acesso em: 16 out. 2025

Em 2020, ocorreu uma investigação sobre apropriação indevida de doações da Associação Filhos do Pai Eterno (AFIPE), instituição responsável pela obra, mas o caso foi arquivado e o então presidente da Associação, Padre Robson, foi juridicamente absolvido das acusações. Após isso, em 2023, o Padre foi transferido para a Arquidiocese de Mogi das Cruzes, em São Paulo, retomando suas atividades religiosas como sacerdote na diocese. Atualmente, como última grande iniciativa da igreja, foi trazido para a Festa de Trindade, o sino *Vox Patris*, considerado o maior sino de badalo do mundo, contendo cerca de 55 toneladas. O sino foi a atração principal da Romaria do Divino Pai Eterno de 2025. Ele abriu a festa com seus primeiros badalos e movimentou o turismo e mais ainda a devoção dos romeiros e romeiras do Pai Eterno.

Figura 8. Sino Vox Patris chegando em Trindade, em junho de 2025.



Fonte: Foto de Guilherme Alves, capturada do website do Jornal Opção. Acesso, 16 out 2025

## 1.2 Como a Romaria é hoje: A cidade e as suas visualidades

O que se evidencia quando reflito sobre as festas populares é que elas constituem formas próprias de organização, tanto espacial, como cultural e política. São manifestações carregadas de sentidos que atravessam gerações, preservando e transformando modos de viver, de crer e de conviver. Nelas se entrelaçam o ócio, a diversão, a fé e um conjunto de simbologias que dão forma às experiências coletivas e fortalecem os vínculos religiosos.

Para além de sua origem e de seus significados religiosos, percebo essa manifestação cultural também como um espaço privilegiado para exercer o ócio. Nas comunidades que realizam e vivenciam a Romaria, a festa funciona como uma pausa simbólica no ritmo cotidiano, um tempo em que o trabalho, as responsabilidades e as obrigações cedem lugar ao encontro, à celebração, a penitência e à convivência.

Historicamente, o ócio tem sido compreendido como uma espécie de recompensa merecida após um período de trabalho árduo e bem-sucedido. No caso das festas

populares, isso é ainda mais evidente, pois conforme afirma Birou (1976, p. 166): “A festa é uma necessidade social em que se opera uma superação das condições normais da vida”, revelando que, mais do que diversão, ela constitui um momento de suspensão das rotinas, de reconfiguração das relações e de renovação dos sentidos coletivos.

Para os gregos, a ideia do ócio era o oposto do trabalho. Segundo Trilla e Puig (2004, p. 22), isso significava libertar-se da necessidade do trabalho para, assim, dispor de tempo livre à disposição. Portanto, seguindo a ideologia grega sobre ócio, podemos dizer que as festas populares são “intrinsecamente comemorativas, pautando-se pela alegria e pela celebração” (Almeida, 2018, p. 112). O tempo gasto nessas festividades é inteiramente irrelevante, porque o que importa, é como elas atravessam aqueles e aquelas que a presenciam, sentindo seus efeitos em todas as nuances.

A Romaria do Divino Pai Eterno faz parte desse movimento de festejos, seguindo uma tradição que, assim como explica Borbheim (1987, p. 20), é

o conjunto de valores dentro dos quais estamos estabelecidos; não se trata de apenas das formas de conhecimento ou das opiniões que temos, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade.

É nesse emaranhado de valores que os festejos tradicionais encontram sentido e continuidade, manifestando-se por meio de visualidades que carregam marcas históricas, afetivas e simbólicas. Contudo, tais visualidades não se apresentam de modo homogêneo aos sujeitos. Mesmo compartilhando um repertório imagético comum, cada pessoa se relaciona com ele de forma singular, reinterpretando-o a partir de suas próprias vivências. Como observa Martins (2006, p. 74), “indivíduos de um mesmo grupo ou comunidade podem conviver com as mesmas imagens, mas cada um as vive e interpreta de maneira diferente, criando brechas e espaços de diversidade”.

Com essa compreensão, revisito o termo “cidade-santuário” (Santos, 1992), para pensar a Romaria do Divino Pai Eterno a partir de suas visualidades. O conceito de visualidade, neste trabalho, se refere às maneiras como a visão é moldada por contextos e interações sociais. Segundo Campos (2014, p. 24) “a visualidade está

presente na ideologia, na economia, na religião, na mente individual e coletiva, dá corpo a ideias, pensamentos, desejos e necessidades, sendo por estes alimentada”.

Dessa maneira, busco, por meio do meu olhar e das fotografias que realizo, dialogar com imagens do passado, criando um paralelo entre a Romaria que já existiu e aquela que hoje se manifesta. Apoio-me na ideia de que “a arte e as imagens nos interpelam e nos formam; os significados mudam, mas, ao mesmo tempo, revelam uma dimensão do nosso pensamento coletivo e de nossas projeções, imaginárias ou sociais” (Martins, 2006, p. 76), compreendendo que esse encontro entre temporalidades também revela modos distintos de ver, lembrar e pertencer.

Para iniciar, é importante destacar o espaço geográfico de Trindade, que remete às origens do Arraial da Santíssima Trindade do Barro Preto de Goiás. Nesse contexto, destaca-se o conhecido "Beco dos Aflitos", frequentemente considerado um percurso entre o sagrado e o profano, caracterizando-se pelo intercâmbio entre a Praça da Matriz e o antigo Largo Novo, atualmente denominado Praça Constantino Xavier, onde se era e ainda é realizado o ponto comercial da festa.

*Figura 9. Beco dos Aflitos, 1939*



Fonte: imagem retirada do website Trindade - GO, Acesso, 24 out. 2025

Figura 10. Beco dos Aflitos, 2025



Fonte: Arquivo pessoal

O Beco possui este nome justamente por conta do fluxo intenso de romeiros que o percorrem durante a Romaria do Divino Pai Eterno, carregando consigo histórias, tradições e até elementos do folclore local. Para além disso, na rua curta e estreita, encontra-se o famoso “Castelinho”, uma casa de arquitetura colonial que por muitos anos abrigou a Biblioteca Pública Municipal Padre João Cardoso de Souza e que hoje sedia a Casa da Cultura de Trindade.

*Figura 11. Castelinho do Beco dos Aflitos*



Fonte: Imagem retirada do website Trindade - Go, Acessado: 24 out. 2025

Isso me faz refletir: Como que apenas um local de passagem pode conter tantas histórias, visualidades e suas próprias características? O que reforça, novamente, como a Cultura Visual pode ser um percurso multidirecional que necessita estar sempre em movimento, em que as visualidades, artefatos e as práticas cotidianas tornam-se “mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos.” (Hernández, 2011, p. 25)

Agora, ao apresentar um dos pontos considerados como porta de entrada para a etapa profana da Romaria – aquela marcada pelas práticas não diretamente religiosas, como o lazer, bares, pontos de venda de lembrancinhas e a convivência alegre e descompromissada –, seguimos pelas ruas da cidade em direção a diversas barracas, refletindo a respeito da pluralidade de pessoas presentes, como também observando como o comércio circula na cidade.

Há barracas de alimentos, bebidas, roupas, cintos, botas, objetos variados e artigos religiosos, como terços e imagens do Divino Pai Eterno. Tudo é organizado de forma segmentada por setores e ruas específicas da cidade. As vias mais próximas ao Beco concentram as barracas de roupas e acessórios, já situado na Praça Constantino Xavier, predominam as barracas de alimentos, utensílios, e, na Avenida da Basílica, encontram-se os artigos religiosos. Para as crianças, parques de diversão são montados em diferentes pontos da cidade, oferecendo brinquedos variados que se tornaram uma atração antiga, reconhecida e apreciada por várias gerações.

*Figura 12. Barracas de Comida, Praça Constantino Xavier, 2025*



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 13. Carrossel de um dos parques de diversão, 2025



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 14. Parque durante a Festa de Trindade, por volta de 1940



Fonte: Foto capturada no website Museu Virtual de Trindade, Acesso, 25 out. 2025

Além da parte comercial, o dia do desfile dos carreiros, muladeiros e cavaleiros é o evento mais aguardado pelos moradores e romeiros de Trindade. Por um lado, por se tratar de um momento de tradição que move muitos pela admiração; por outro, porque este momento é indicativo de um dia cheio de músicas, bebidas e confraternizações, sinalizando mais fortemente a parte profana da Romaria.

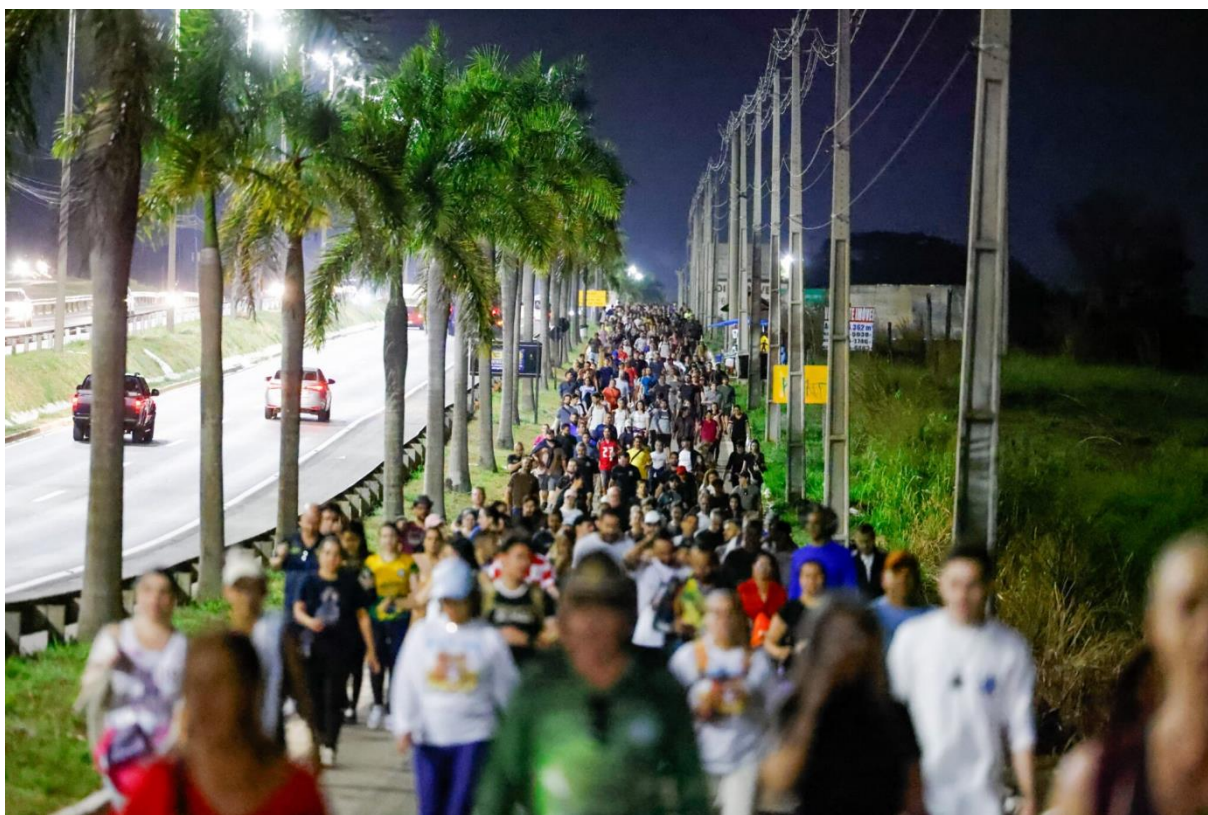
Além disso, a característica principal, econômica e mais emotiva da festividade são as pessoas, especialmente ao avistarmos o cenário da Rodovia dos Romeiros:

Uma cortina interminável de pessoas andava de Goiânia e Trindade cumprindo a missão de romeiros viajantes. Jovens andavam de maneira serelepe, geralmente trocando risos, apropriando-se da caminhada mediante o estatuto juvenil; adultos vestiam camisetas estilizadas; algumas mulheres “pagavam votos” conduzindo seus filhos de um a dois anos em carrinhos; alguns idosos apresentam mais dificuldades. E havia também grupos de pessoas que andavam rezando terços. [...] A caminhada ia se colocando como um rito híbrido, ora se efetivando como cena da cultura juvenil, ora como momento de espiritualização de cristãos

rumo à “terra prometida”: a cidade do Divino Pai Eterno (Chaveiro, 2008, p. 79-80).

Durante os dez dias de celebração, esta rodovia permanece movimentada, com um grande fluxo de pessoas indo e vindo, tanto durante o dia quanto à noite. Os passos dos romeiros permanecem firmes até o portal de Trindade, criando uma paisagem humana que, além de impressionar pela intensidade e devoção, muitas vezes escapa à compreensão de quem a presencia pela primeira vez.

*Figura 15. Rodovia dos Romeiros na GO-060*

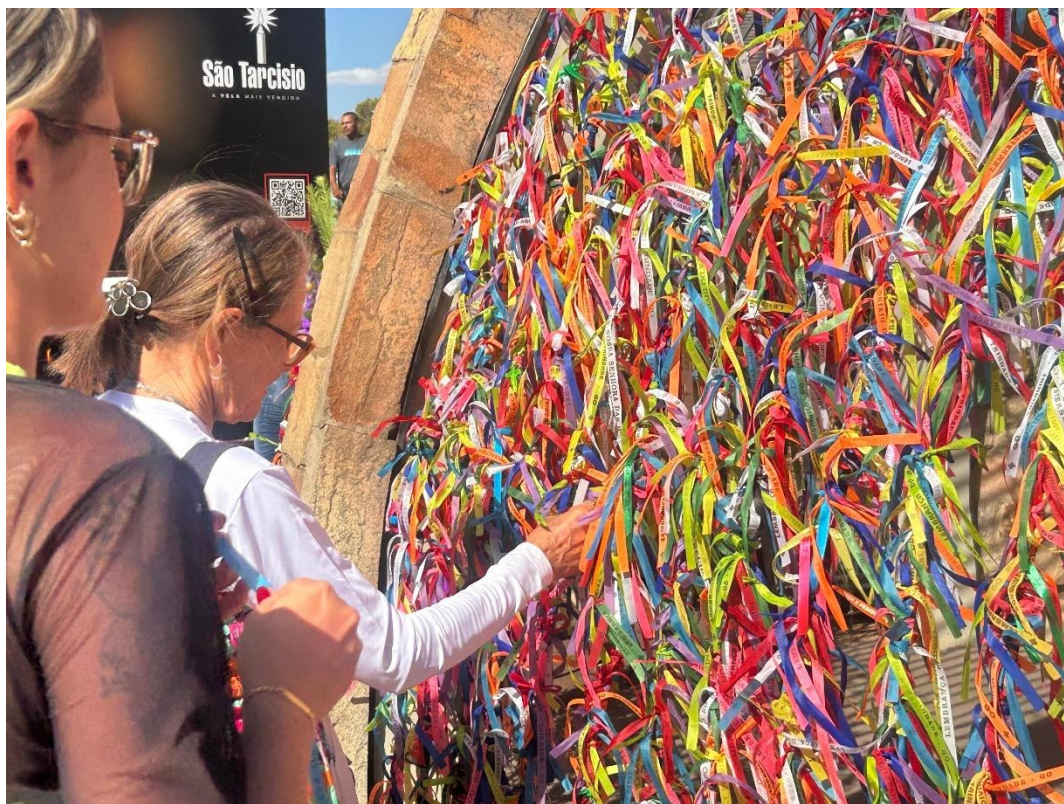


Fonte: Foto de André Costa e Lucas Diener, capturada do website do Agência Cora de Notícias. Acesso, 17 nov. 2025

A fé estampada nos murais, em velas que queimam, nas barracas de comida, nas fitas amarradas que carregam pedidos, todas essas visualidades fazem parte da identidade Trindadense, construída através de uma fé que não é de todos, mas, é para todos. Não porque se trata de um viés catequista, mas sim porque a cultura popular se entremeia por todas as ruelas, entre o sagrado e o profano, porque a “(...) cultura é um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca

entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole.” (Abreu, Martha, 2003, p. 10)

*Figura 16. Pedidos para o Divino*



Fonte: Foto cedida e tomada pelo amigo Gabriel Fróes, 2024.

## **2. As rezas que eu quis rezar**

Em latim, a palavra ‘casa’ é utilizada para denominar espaços internos mais simples e rurais, como choupanas, cabanas e barracas. Para mim, a minha cidade sempre foi uma casa. Não uso o termo como forma pejorativa; pelo contrário, foi residindo na simplicidade das ruas de Trindade e sendo formada pela doçura de minha família que pude ser tão grande.

Essa história começou lá, no meio da rua 16 de julho, em uma casinha pequena composta por dois quartos principais, uma sala, uma cozinha e uma garagem extensa. Nessa casa, cheia de plantas, imagens e quadros de Nossa Senhora, brinquedos espalhados e o cheiro inconfundível de café quentinho, residiam minha Avó, eu, meus pais e minha irmã.

A área exterior, para mim, sempre foi a parte mais interessante da casa, com grades acinzentadas decoradas com corações que hoje sei tratar-se de uma Sankofa<sup>1</sup>:

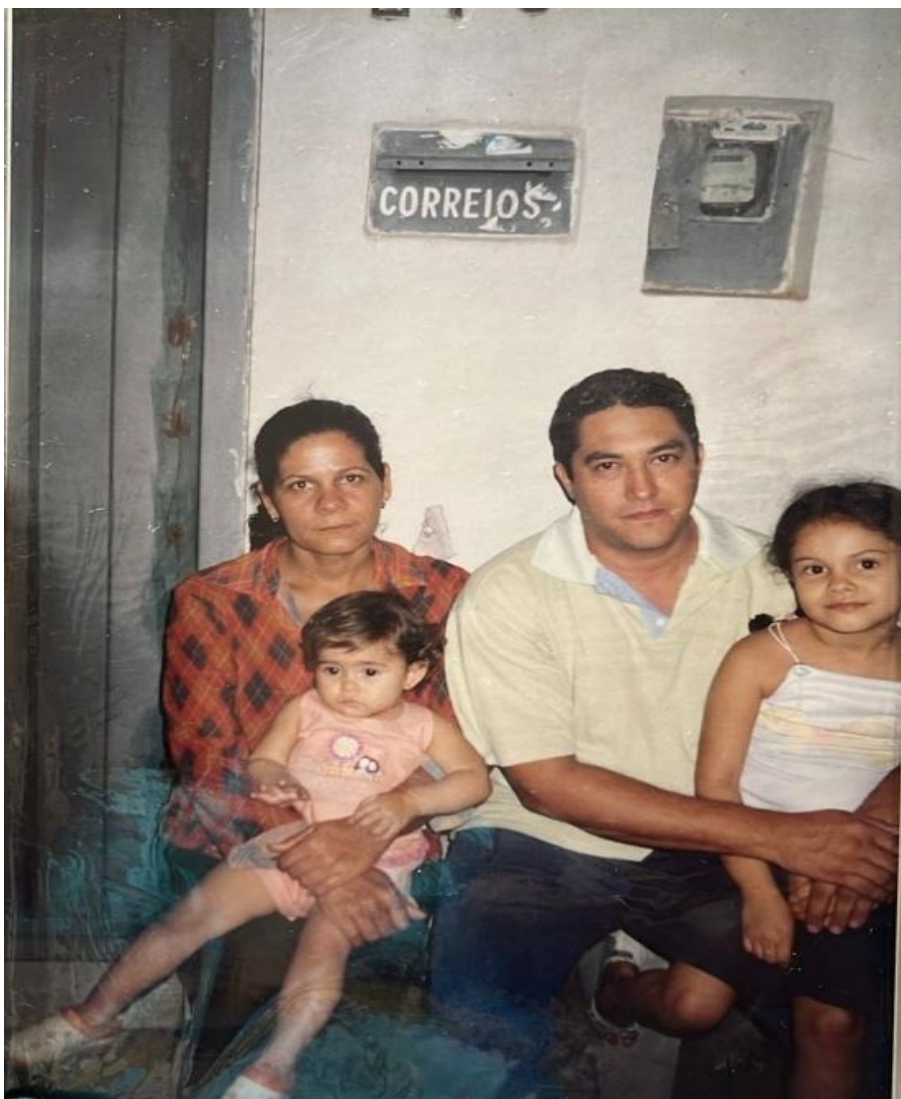


Na frente da casa, três árvores, sempre podadas em formato retangular e, um banquinho de concreto preso a parede. Este acento foi muitas vezes utilizado para admirar as horas do dia, reviver reminiscências, admirar passarinhos, conversar com amigos e principalmente admirar carros de boi.

---

<sup>1</sup> Sankofa é representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás, que carrega um ovo em seu bico, o futuro. Também se apresenta como um desenho similar ao coração ocidental. Trabalha a sabedoria de olhar para o passado e a busca de algo que foi ignorado ou esquecido, trazendo para o presente, a fim de construir o futuro. Disponível em: <Fonte: <https://mmgerdau.org.br/site2021/wp-content/uploads/2022/04/MemoriasdeFerro.pdf>>.

*Figura 17. Eu, meus pais e minha irmã no banquinho, ano de 2004*



Fonte: Arquivo pessoal.

Hoje, consigo compreender o quanto era privilegiada a localização de minha casa em relação à Festa do Divino Pai Eterno. Morávamos muito próximos do centro histórico e isso me presenteou com memórias que guardo com muito afeto.

Não eram apenas as casas, mas todo o cenário que contribuía para isso. Lembro-me das ruas de paralelepípedo, do charme das casas coloniais que pareciam contar a história da cidade e, claro, da vendinha da Dona Lázara. Era lá que eu gastava minhas economias para comprar doces e uma coca-cola gelada. Essa vivência no coração da cidade, moldou minha infância e me fez sentir parte integrante da tradição da Festa.

*Figura 18. Vendinha da Dona Lázara*



Fonte: Museu virtual de Trindade. Acesso em: 22 out. 2025

Essas memórias, que guardo para além do cotidiano, contam histórias e pintam cenários vividos em minha mente. Da casa de minha avó, eu me lembro de cada detalhe, desde o aroma de biscoito assando no forno, passando pelas grandes bacias azuis em que eu tomava banho, até da mesa de mármore em que eu brincava de baixo da pedra branca. Mas, acima de tudo, o que ressoa fortemente em minha memória é o barulho inconfundível dos carros de boi, que chegavam pontualmente às 5 horas da manhã.

Figura 19. Carros de boi, Trindade, Goiás.



Fonte: Arquivo Pessoal

Eram fileiras de bois, enormes, imponentes, com chifres pontudos, arrastando carroças e grandes cestos, nos quais pendiam bancos, couros e cordas. Lembrome das rodas de aço pesadas e estridentes sobre o calçamento, um barulho impossível de se confundir. Meus olhinhos curiosos se abriam lentamente, um escuro de um dia que ainda não havia começado, os braços aconchegantes da minha avó e a certeza de que a festa estava finalmente chegando.

Viver a festa, desde pequena, era sinônimo de reunião: Era quando todos os membros da minha família se reuniam, e o momento era aproveitado de várias formas. Assistíamos aosromeiros desfilando em seus carros de boi, cavalos e mulas, mas também aproveitávamos as barracas de roupas e utensílios, renovávamos o guarda-roupa e comíamos muitas comidas gostosas, típicas da Festa.

Crescer com a Festa significou aprender a perceber outras formas de organização espacial, social e afetiva. Na infância, o encantamento estava nos parques de diversões, nos brinquedos novos, nos milkshakes e na sensação de descoberta. Já na adolescência, a emoção se deslocava para a possibilidade de circular pelas ruas

com os amigos, experimentar a liberdade e vivenciar a cidade, transformada pela Romaria.

Hoje, adulta, caminho pela Festa não apenas como trindadense, mas também como professora. Nesse percurso, revisito lugares da infância, reencontro pessoas queridas e, sobretudo, compreendo minhas vivências no curso de Licenciatura em Artes Visuais e meu olhar cultural, como um meio que se movimenta entre sentidos e memórias. É nesse deslocamento entre o eu, a Romaria e a minha formação, que construo minha criticidade e reconheço como essas experiências moldam o meu modo de ver o mundo e a identidade docente que ainda está em processo de construção.

## **2.1 A contemplação**

Desde a minha infância, fui profundamente fascinada pelas ilustrações presentes nos livros de história. Na minha percepção infantil, aquelas imagens representavam cenas reais e pinturas capturadas em momentos precisos do passado.

No entanto, à medida que cresci e refinei minha compreensão, percebi que o que antes parecia uma fotografia exata de um instante histórico da realidade passada, na verdade, constitui uma construção complexa, em que o representativo e o individual se entrelaçam. Como afirma Coli (1981, p. 79), "A obra não é um absoluto cultural, tampouco um absoluto material, pois vive e se modifica." Dessa forma, compreendo que as mudanças na interpretação dessas obras, ao longo do tempo, são naturais e refletem a progressão de abordagens críticas.

Sob essa ótica, assim como na minha experiência com a arte e a educação, entendo o processo de 'revisitar momentos' como uma análise de uma obra, ou de uma imagem, ou de uma mediação pedagógica. Antes de análises e interpretações, é preciso contextualizar o que se vê, para só depois voltar-se ao objeto. Em razão disso, minha análise inicia-se muito antes do ensino formal, ela começa com mãos enrugadas, cheiro de loção hidratante e uma TV ligada na Canção Nova<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Canção Nova: TV católica que faz parte do Sistema Canção Nova de Comunicação (TV, Rádio e Internet).

Começa com a minha avó, a maior pedagoga não formada que conheço. Foi ela quem me ensinou a ler placas, revistas e nomes de lojas e, por conta disso, aprendi a ler antes do esperado e tive mais facilidade na escola.

Seguindo meu percurso educacional, a arte sempre esteve presente no meu cotidiano, uma família extremamente matriarcal e cercada por professoras. Minha mãe, de educação física e minhas tias, letras (inglês e português) e pedagogia. Todas elas, ligadas de alguma forma a produções artísticas muito singulares, variadas entre desenho, pintura, costura e literatura.

Minha mãe, com suas habilidades de desenho foi a primeira a me ensinar. Tomava para si um papel de educadora e crítica, na intenção de estimular a minha criatividade e desenvolver as minhas habilidades. Já minha Tia Cássia, com seus conhecimentos em literatura, me ensinava a apreciar poemas e a me expressar por palavras, enquanto a minha Tia Selma, com seus trabalhos manuais, me ensinou os processos de experimentação e sempre incentivou minhas ideias mais malucas, oferecendo meios para que a realização delas fossem possíveis.

Nesse meio afetivo e educativo me formei: Entre conhecimentos populares, experimentações, no escutar das conversas sobre a sala de aula, entre livros didáticos, planos de aula e provas para corrigir. Dentro disso, já se formava um acervo de saberes sem nomes, que eu acreditava ser senso comum, mas que só se tornaram elucidados, por mim, na graduação.

Ao longo da minha trajetória, frequentei cinco instituições de ensino distintas, sendo quatro relacionadas ao ensino formal e uma como curso preparatório para o ENEM. Em todas, o ensino de artes não me auxiliou a relembrar esses ensinamentos, eles permaneceram adormecidos no meu subconsciente, como que atrofiados e presos à lógica do ensino bancário. Como afirmam Brighente e Mesquida (2016), "a educação bancária não é libertadora, mas, sim, opressora, pois não busca a conscientização de seus educandos. Quer, na verdade, que corpos de alunos e alunas sejam inconscientes e sujeitos às suas regras".

Foi somente ao ingressar no curso de Artes Visuais que essas memórias puderam emergir novamente e ganhar sentido. A formação acadêmica me ofereceu meios teóricos, metodológicos e sensíveis para olhar minha própria história com mais cuidado, compreender a potência das visualidades populares e reconhecer a Romaria como parte constitutiva da minha identidade cultural. Assim, o curso não

apenas ampliou meu repertório, mas reacendeu o “incêndio que nasce das imagens” (Didi-Huberman, 2012), permitindo que eu valorizasse aquilo que antes estava silenciado. Esse reencontro com minhas referências visuais/culturais se tornou mais profundo ao longo do curso e contribuiu para que meu olhar de educadora se tornasse mais sensível, crítico e consciente das visualidades que atravessaram minha formação.

Sempre apreciei viver em Trindade; mas logo percebi que, apesar do desenvolvimento da cidade, as oportunidades de cursos superiores eram escassas. As ações voltadas à comunidade concentram-se, sobretudo, na saúde, e, para quem deseja seguir nas Humanas, e mais ainda em Artes Visuais, a principal alternativa é a Universidade Federal de Goiás (UFG). Por isso, passar na UFG foi a concretização de um sonho. A Faculdade de Artes Visuais (FAV-UFG) me enchia os olhos e eu me sentia em casa.

Contudo, as dificuldades de locomoção eram excruciantes, o cansaço constante e a falta de atenção por parte da administração municipal agravavam a situação: Nos deslocamentos, utilizávamos ônibus sucateados ou muitas vezes ficávamos sem esse direito, uma realidade presente até hoje. Só consegui manter o ritmo graças às caronas e à solidariedade de outras pessoas; o que me fez compreender, na prática, que o aprendizado não se limita à sala de aula, ele também se dá nos encontros, nos trajetos, nos gestos cotidianos de apoio.

Durante a celebração da Romaria do Divino Pai Eterno, a situação se tornava ainda mais complexa, pois os pontos de ônibus disponibilizados pela Prefeitura eram limitados, e, no dia do desfile dos carreiros, era impossível sair da cidade. Foi nesse contexto, na Festa de 2024, que surgiu a primeira faísca para minha pesquisa. Ao justificar minha ausência na disciplina de Estágio I, meu professor, Elinaldo, comentou: “É a primeira vez que recebo uma justificativa que envolve algo tão particular do lugar, um desfile de carros de boi.”

A partir dessa fala simples, mas carregada de significados, comecei a olhar novamente para a Romaria com outros olhos: A de uma artista e educadora. O processo contou com a ajuda de familiares e amigos e, aos poucos, fui construindo uma narrativa que compunha, em seu alicerce, minha percepção contemplativa e crítica da festa.

Esse momento, demonstrou-se importante pois a partir dele enxerguei algo do meu cotidiano como um objeto de pesquisa, um território de aprendizagens visuais e afetivas e, inspirada, retorno as palavras da professora Carla de Abreu (2020, p. 8):

Pensar as imagens e as visualidades exige um tipo de epistemologia instável, um pensamento que não se fixa em concepções teóricas rigidamente estabelecidas. Ao contrário, as interpretações vagueiam entre os campos do simbólico, dos significados e dos afetos.

Assim, revisitar a romaria significa revisitar a mim mesma e compreender o meu olhar parcial, localizado e completamente mediado pelo social. Segundo Hernández (2011), esse processo ligado a educação, se articula como relatos ramificados que permitem a indagação das maneiras culturais de olhar e seus efeitos na sociedade, reforçando a ideia de que não vemos o que queremos, e sim o que nos é ensinado a ver.

Isso sugere que, na intenção de trabalhar tais temáticas, não é de meu interesse a criação de novos significados e sim a compreensão de onde e como nascem as interpretações. E com essas reflexões, retorno às imagens feitas por mim, entendendo o processo de peregrinação visual como uma redescoberta de como agora, adulta e educadora, eu percebo a Romaria.

A fotografia abaixo foi registrada no início do desfile dos carreiros, momento em que, tradicionalmente, o primeiro carro carrega a imagem da Santíssima Trindade, adornado com flores e fitas. Nesse momento, em meio a rodas de aço e flores falsas, uma abelha pousa em busca do néctar inexistente. A cena, para mim, ao mesmo tempo irônica e poética, serve de metáfora para a fé e a tradição, traduzindo bem as relações entre os interesses humanos e as simbologias religiosas que se entrelaçam na Romaria do Divino Pai Eterno.

Figura 20. As dualidades da vida, 2025



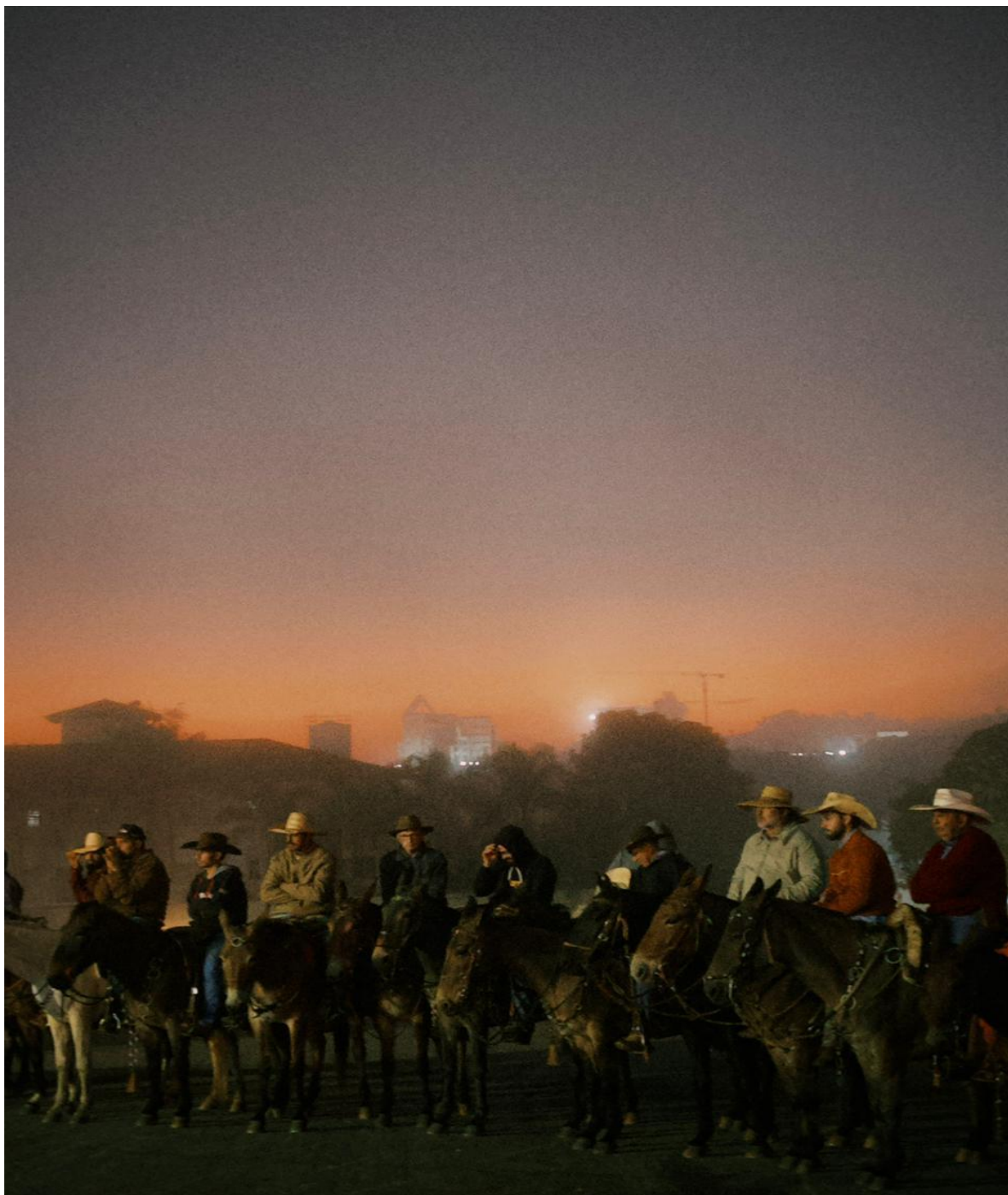
Fonte: Arquivo pessoal

Para além dessa, durante um dos dias da procissão da penitência – momento em que, ainda na alvorada, os fiéis percorrem em caminhada o trajeto da Igreja Velha até a Praça do Santuário –, fui tomada por uma cena que se destacou em meio ao frio e à neblina que envolviam a cidade: Uma tropa de muladeiros que assistiam à missa montados em suas mulas; o amanhecer de um dia que parece chegar rasgando o céu e, junto deste vermelho, a então não finalizada nova basílica.

Desta cena, consigo imaginar várias histórias sendo contadas, os percursos caminhados até ali, a gratidão, a fé, a ansiedade, o bom, o difícil e o sacrificável,

uma frota formada exclusivamente por homens, providos de pensamentos, rezas e religiosidade.

*Figura 21. Muladeiros em prece, 2025*



Fonte: Arquivo Pessoal

## **2.2 Os saberes populares: A festa está chegando!**

A Romaria chega com diversas visualidades que atravessam gerações. Além das já citadas neste texto, menciono também uma reorganização espacial, cultural e política muito específica. Quando criança, observava que sempre antes da Festa chegar, a cidade parecia mais limpa e mais bem organizada. Uma observação, confesso sem modéstia, inteligente, já que politicamente e economicamente a Romaria do Divino Pai Eterno, impulsiona áreas como a economia, o turismo e a saúde.

No ano de 2025 em específico, essa reorganização urbana ficou ainda mais minuciosa, já que no dia 26 de junho, no mandado do então prefeito Marden Júnior, foi criado a Central de Gestão Integrada da Romaria, um espaço para a coordenação das ações de segurança, mobilidade, saúde e acolhimento ao longo dos dez dias de Festa.

A estratégia trouxe resultados expressivos: Foram registrados mais de 4,3 milhões de romeiros, e estima-se que cerca de 45 milhões de reais circularam no comércio local, nas redes de hotelaria, alimentação e serviços temporários. Além disso, houve avanços perceptíveis na limpeza da cidade, na segurança e no atendimento ao público.

Parte dessa organização se deve à decisão tomada no ano de 2008, com a separação da parte “religiosa” e a de “entretenimento”, no qual foi transferido para o Carreiródromo da cidade<sup>3</sup>. Com essa separação, na avenida principal que anteriormente era o ponto central das atividades, passa a ser proibido a venda de bebidas alcoólicas, mantendo apenas barracas de bingo e as de alimento, assim diminuindo os índices de criminalidade na cidade.

---

<sup>3</sup> O Carreiródromo é o local é apropriado para o desfile dos carreiros e carros de bois. Foi construído para evitar a grande aglomeração de pessoas em um local que não era apropriado para suportar milhares de pessoas. Fonte: Circuito Fé no Coração do Brasil. Disponível em: <<http://www.fenocoracaodobrasil.com.br/index.php/atrativos/carreirodromo-de-trindade>>.

Figura 22. Entrada para o Carreiródromo, durante a festa



Fonte: Arquivo pessoal

Falando em barracas, essas são outras visualidades marcantes da Festa. As de bingo e pastel chegam primeiro, movimentando as noites da cidade. Já as de roupas, acessórios e utensílios domésticos vão sendo montadas nos primeiros dias; mas, anterior a isso, os moradores da cidade já se preparam para o evento com avisos e cartazes que anunciam o aluguel de calçadas, espaços de lojas, banheiros e chuveiros.

Figura 23. Ofertas de serviço, aluguel de calçadas e banhos



Fonte: Chaveiro; Azevedo; Gonçalves, 2018. Foto de Gonçalves, 2013.

Outra iniciativa importante, criada em 2018, é a barraca do Centro de Apoio aos Romeiros, localizada na Rodovia dos Romeiros (GO-60). O espaço oferece suporte aos peregrinos com atendimento 24 horas em saúde, alimentação e higiene.

Inovações recentes que marcaram a Festa foi a construção do Viaduto Ronaldo Ramos Caiado Filho, também na GO-60, inaugurado junto ao início da Romaria de 2025. A obra, parte de um plano de melhorias urbanas, evidencia não apenas a importância da Festa, mas também a perspectiva e interesses políticos, servindo como moeda de troca.

As parcerias e os pactos de poder - velados ou não - entre o Estado, a Mídia, a Igreja e o Governo Municipal também manifestam interesses políticos e econômicos expostos em obras de infraestrutura, discursos e outdoors, em torno da composição dos territórios que compõem a Festa-Romaria (Chaveiro, Gonçalves, Azevedo, 2018, p. 176).

Essas diversas ações revelam que o planejamento da Romaria começa muito antes da chegada dos 4,3 milhões de visitantes. Demonstram um interesse em aprimorar,

a cada ano, o conforto e a segurança para todos. Além dos interesses políticos, é possível observar que essa organização atende principalmente aos que chegam à Festa, enquanto os moradores da cidade enfrentam situações de vulnerabilidade e lidam com decisões que nem sempre consideram suas necessidades cotidianas.

Um dos impactos mais evidentes dessa dinâmica é a mudança drástica na rotina da população local. Diante de um evento de tamanha magnitude, muitos moradores preferem deixar a cidade durante a semana da Festa, enquanto outros precisam alterar suas rotas diárias devido ao fechamento de ruas, instalações temporárias e ao grande fluxo de pessoas. Essas adaptações revelam como o planejamento, embora pensado para acolher o romeiro e fortalecer a imagem pública da Romaria, pode impor desafios significativos à vida cotidiana de quem habita a cidade o ano inteiro.

Outro ponto incômodo é a prática comum de transformar terrenos baldios em estacionamentos, as pessoas responsáveis cercam o lote, limpam o terreno com máquinas grandes, juntam o mato e ateiam fogo, para assim conseguirem cobrar um dinheiro em cima daquele local. Na imagem abaixo, uma ação que presenciei de perto na Romaria de 2025, em um lote ao lado de minha casa.

*Figura 24. Queimada em um lote vago ao lado de minha casa*



Fonte: Arquivo pessoal

E, por fim, o cheiro de urina espalhado pelas ruas centrais do comércio. Desde que me entendo por gente, os cheiros característicos da Romaria são os de estrume, gordura queimada e urina. São marcas olfativas que, embora incômodas, fazem parte do entendimento popular da festa e são tão enraizadas que se tornam comum escutar discursos de normalização, como eu mesma já me peguei dizendo “há anos atrás, era ainda pior”.

Essas experiências revelam saberes que nascem da vivência e da convivência com a Festa, ganhando força para a construção da minha identidade Trindadense, demonstrando que mesmo que o visitante permaneça por dez dias, transitando e “morando” na cidade, não irá compreender as dimensões culturais e políticas de quem mora na cidade e, mais ainda, de quem cresceu vendo o desenvolvimento da Festa e suas mudanças estruturais.

### 3. Peregrinação visual

Em Trindade, quando a chuva cai, ela deixa um cheiro característico, uma mistura de terra molhada, de poeira que se levanta, de galhos que chacoalham e de memórias que se despertam. Contam as histórias que, na primeira vez em que caminhei, também era um dia chuvoso. Todos estavam reunidos na sala e eu, com a teimosia que me acompanha desde o nascimento, ergui meu corpo pequeno e dei meus primeiros passos. Desde então, continuo a andar por entre as pessoas, criei meus próprios caminhos, formei afetos, me tornei parte deles, virei uma só, com tudo aquilo que me cercava.

Esses caminhos que se entrelaçam em mim ganham força a partir do momento em que me deparo com a metodologia de Careri (2013), que propõe o deslocamento físico para além das condições formais de sobrevivência como parte estruturante da habitar os espaços. Um recurso de travessia que sugere o caminhar, observar, registrar e narrar a cidade, entendendo esse processo como uma prática estética capaz de revelar a complexidade e a poética dos territórios contemporâneos.

Inspirada por essa perspectiva, elaboro o termo “**peregrinação visual**”, que utilizo como metáfora e perspectiva metodológica no contexto da Romaria do Divino Pai Eterno. Com essa proposta, acrescento à noção de deslocamento proposta por Careri (2017; 2013), o meu olhar pessoal, integrando corpo, memória, imagem e pensamento.

Sustentando essa metodologia, utilizo os estudos de cultura visual que nos indica como as relações de olhares e formas de olhar estão impregnadas pelas marcas culturais e biográficas: “Não é somente isso o que o sujeito vê (...), mas o que se focaliza e onde o sujeito é colocado e fixado pelo discurso do qual faz parte isto que ele vê (e que o vê)” (Hernández, 2011, p. 33).

#### 3.1 O caminhar como método

Segundo Careri (2017), a deriva é um termo de origem náutica que incorpora a ambiguidade do perder-se consciente: Trata-se de abandonar momentaneamente as rotas pré-definidas para permitir que o corpo, a percepção e o acaso guiem o processo de pesquisa. Ao romper com as lógicas funcionais da cidade, a deriva transforma o ato de andar em gesto artístico, cognitivo e existencial, capaz de

revelar camadas do território que escapam à organização formal dos espaços. Nesse contexto, caminhar não é apenas deslocar-se, mas instaurar uma atitude de abertura ao inesperado, ao sensível e ao que se move fora do planejamento urbano. A esse respeito Careri (2017, p.27) diz:

Eis, então, que o conceito de deriva, uma vez ampliado como sendo também a arte do encontro, leva-nos a um território onde saber aproveitar o vento significa saber usar as relações que se foi capaz de construir ao longo do caminho.

O caminhar, portanto, se converte em método à medida que possibilita ao pesquisador ou pesquisadora não apenas atravessar o território, mas ser atravessado por ele. A caminhada se torna instrumento de interpretação, criação e transformação simbólica do espaço.

É nesse ponto que a deriva se aproxima daquilo que elaborei como *peregrinação visual*. Assim como o caminhante *dérive*, eu caminho movida por um olhar atento às características físicas, espirituais e estéticas da Romaria do Divino Pai Eterno. Caminho entre os romeiros, entre os objetos, ruídos, cheiros e ritmos, permitindo que essas visualidades me afetem enquanto mediam as minhas análises. A peregrinação visual é, portanto, um deslocamento guiado simultaneamente pelo corpo e pelo olhar; em uma troca equivalente de sentidos.

As visualidades populares que atravessam a Romaria são múltiplas e densas. Estão nos joelhos ralados de promessas pagas, nas vozes dos vendedores ecoando pela rua, nas filas de devotos, nos animais que sofrem e seguem junto aos fiéis, nas ruas fechadas e transformadas em espaços de transações, trânsitos e preces, nos ruídos urbanos misturados aos hinos religiosos, nos shows sertanejo, nos badalos dos sinos. São visualidades que, como aponta Guimarães constituem, “espaço de interação social e de definição de subjetividade” (2014, p. 2358).

Ao compreender o caminhar como método, reconheço também que a minha presença enquanto pesquisadora faz parte da construção dos dados e das interpretações. Não ocupo o lugar de observadora neutra ou distante. Meu corpo, minhas escolhas de percurso, meus afetos e minhas percepções moldam aquilo que vejo e registro. Caminho junto aos romeiros, mas também caminho para dentro da minha própria experiência, numa peregrinação que é simultaneamente coletiva e íntima.

A metodologia do caminhar, assim, revela-se como um dispositivo potente para pesquisar a Romaria, pois articula experiência sensível, análise visual e reflexão crítica. Caminhar se torna escrever com o corpo, perceber com o olhar e interpretar com a memória, em uma peregrinação de autodescobrimento, criticidade e contemplação.

### **3.2 A prática do ver e do sentir**

Durante a minha peregrinação visual pela Romaria do Divino Pai Eterno, nos anos de 2024 e 2025, percebi que tais visualidades não se apresentam apenas como registros de acontecimento, mas aquilo que Didi-Huberman (2012) descreve como um processo de incêndio, uma combustão que gera ardências que causam questionamentos.

Essas imagens carregam o valor do instante vivido, as tensões entre o visível e o invisível, as marcas da fé e dos ritos, do tradicional ao comercial. Portanto, antes de serem documentos, essas imagens se organizam enquanto pensamento, interpelam meus sentidos, clamando não para serem vistas e sim, compreendidas.

E durante o processo de pesquisa, na escolha consciente das imagens que capturo e das que surgem nas redes sociais de pessoas próximas, percebo que também estou revisitando a mim mesma. O trabalho de curadoria, ou seja, de seleção das imagens que apresento a seguir, torna-se, aqui, um gesto interpretativo e afetivo. Cada fotografia não é apenas aquilo que a câmera captou, mas o que meu corpo experimentou ao caminhar entre os romeiros, dentro das minhas sensibilidades e atenções atreladas às aprendizagens do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Novamente recorro a Didi-Huberman (2012) quando afirma que as imagens carregam vestígios de um passado que continua agindo no presente. O autor nos convida a reconhecer que ao olhar uma fotografia, não revisito apenas minhas próprias memórias, reviso também memórias de outros sujeitos, trazendo, em seu alicerce, gestos antigos, símbolos persistentes e práticas que sobrevivem de geração em geração. Assim, cada imagem revela uma temporalidade em camadas, na qual o contemporâneo e o ancestral se convergem e coexistem, iluminando o presente com a luz insistente de um passado que não cessa de retornar.

O percurso da Romaria, vivido intencionalmente nos dois últimos anos com meu olhar de educadora, constituiu não só um exercício de pesquisa, mas também de formação do olhar. Ao caminhar com a câmera, e com os ensinamentos das pessoas que me viram crescer, aprendi a ver devagar, a ver o que escapava aos trajetos oficiais, a ver o que pulsava no silêncio e no excesso, tornando esse processo parte da minha identidade enquanto professora e artista em formação.

Relacionar o ato de ver ao ato de ensinar significa reconhecer que o olhar é uma prática aprendida, cultivada e mediada. Na educação, sobretudo na arte, ensinar também é oferecer ao outro a possibilidade de ver o mundo de modo mais amplo, mais crítico e mais poético. E, ao reconhecer a importância dos contextos locais e das visualidades populares, encontrei um caminho para realizar este trabalho de conclusão de curso, com base no que a professora Leda Guimarães (2024, p. 2353) aponta:

A expressão “visualidades populares” indica opções conceituais em lidar com expressões culturais que a princípio podem vir de contextos subalternos, periféricos, marginais, não oficiais etc., mas que também não podem ser colocadas numa redoma salva de contaminações/apropriações de diferentes tipos de consumo cultural. Visualidades urbanas – grafites, cartazes, anúncios, murais e outras visualidades fora de contextos urbanos ligados a manifestações de indústrias do viver como mobiliários, formas de decoração, de vestir, artesanato nas suas diversas formas de produção, os saberes e fazeres ligados às estéticas dos cotidianos, questões de patrimônio, performance que compõem um amplo leque de possibilidades para nossos estudos.

Nesse sentido, é possível ampliar o repertório imagético dos estudantes, deslocando o olhar para além das tradições eruditas e eurocêntricas, em um ato de descolonização do olhar, favorecendo as próprias culturas e desenvolvendo a dimensão política do olhar, ao aprender que toda imagem é construída e carrega intenções.

Assim, as minhas fotografias da Romaria do Divino Pai Eterno podem ser um olhar privilegiado para observar esses deslocamentos. Divididas por temas, sigo a análise a fim de compreender o que elas ensinam sobre a Festa, sobre mim e sobre os modos de olhar que levarei para a prática docente.

Início essa análise, com as **Visualidades da Promessa e do Corpo**, trata-se de momentos em que o corpo surge enquanto depositários de fé, desde mãos que seguram velas, a joelhos no chão e a multidões que se aglomeram no clima frio

que aparece nos dias da Festa. Aqui, o corpo aparece não apenas como presença física, mas como **território simbólico**, como espaço onde a promessa se inscreve.

*Figura 25. Mulher rezando um terço, 2025*



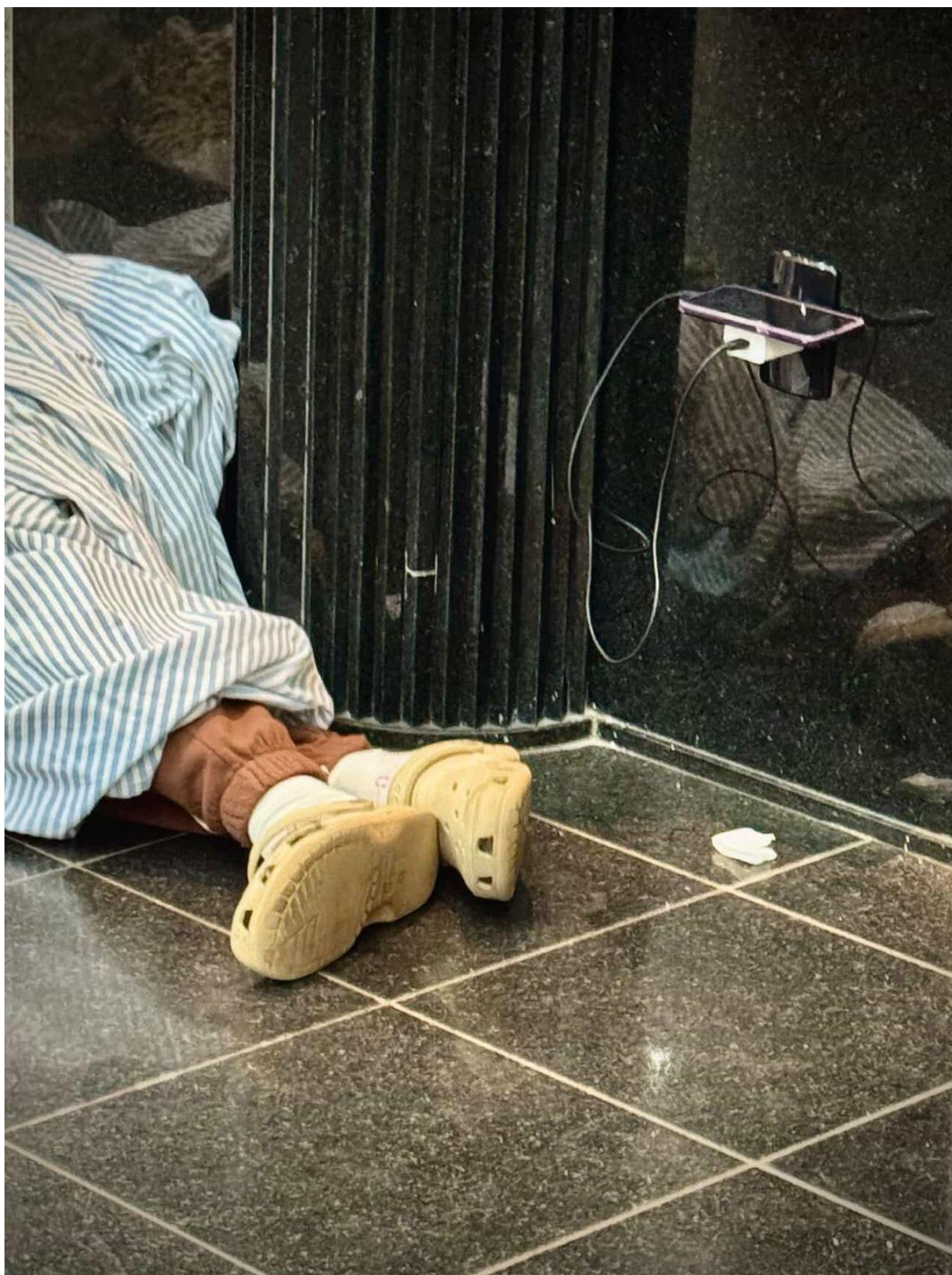
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 26. Multidão esperando o desenrolar da Festa, 2025



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 27. Romeiro dormindo no chão da igreja, 2025



Fonte: Foto enviada pelo perfil @alissonalves na rede social Instagram, 6 de jul.2025

Figura 28. Romeiro subindo a rampa da igreja de joelhos, 2024



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 29. Imagem da Santíssima Trindade, abrindo o desfile dos carreiros*



Fonte: Arquivo pessoal

Em seguida, apresento as **Visualidades da Mercadoria e do Consumo**, que evidenciam não apenas o trânsito econômico da fé, mas também os efeitos da globalização sobre a Romaria. Nelas, observam-se símbolos tradicionais que convivem, e, por vezes, se misturam, com elementos contemporâneos, produzindo uma estética híbrida. As barracas de objetos, os chapéus adornados com logomarcas, artistas que se montam de estátuas vivas, essas e tantas outras

visualidades formam um conjunto que revela como o sagrado e o comercial se articulam nesse espaço.

Compreendo o consumo, nesse contexto, como uma prática que não se reduz ao aspecto econômico. Ele se torna também um modo de construir pertencimento, de materializar a fé por meio de objetos e imagens, e, simultaneamente, de expressar ostentação, identidade e inovação. Esses gestos de compra e escolha participam da experiência sensorial da Festa e ajudam a moldar as visualidades que marcam a Romaria.

*Figura 30. Presilhas de cabelo, 2025*



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 31. Carreiro com chapéu adornado com a logo de Monster



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 32. Performance artística de estátua viva



Fonte: Foto cedida e tomada pelo amigo Gabriel Frões, 2024.

Por fim, apresento as **Visualidades Tradicionais**, que surgem tanto das roupas características, quanto nos momentos-chave da Festa e, sobretudo, na própria maneira como os moradores de Trindade preservam e atualizam seus modos de vida durante a Romaria. Essas visualidades compõem um campo simbólico, no qual o passado insiste e retorna, manifestando-se em práticas, gestos e estéticas que atravessam gerações.

Ao analisar as visualidades tradicionais, não observo apenas costumes preservados, mas também um tecido vivo de práticas que se transformam sem perder sua raiz. Elas demonstram como a Romaria se sustenta em um equilíbrio entre permanência e atualização, passado e presente, entre o que foi transmitido pelos ancestrais e o que é reinventado a cada edição da festa.

Figura 33. Placa de identificação dos carreiros



Fonte: Arquivo pessoal

*Figura 34. Carreiro bebendo água durante o desfile*



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 35. Romeiros na Procissão da Penitência, carregando seus bancos



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 36. Desfile dos Carreiros, 2025



Fonte: Arquivo pessoal

Assim, ao olhar para essas visualidades, compreendo que a tradição não é algo fixado no passado, mas um processo que se renova no encontro entre gerações, nos gestos cotidianos, nas escolhas estéticas e nas narrativas que os moradores de Trindade constroem sobre si mesmos. As visualidades tradicionais, portanto,

não apenas marcam a festa: elas a sustentam enquanto espaço de memória coletiva e de produção contínua de sentidos, reafirmando sua força histórica e sua presença na contemporaneidade.

#### **4. Discussões finais**

Durante o curso de graduação, os estágios foram disciplinas essenciais para a construção do meu percurso formativo. O último deles, em especial, ministrado pela professora Valéria Fabiane B. Ferreira Cabral, foi determinante para que eu pudesse compreender e concluir as discussões que apresento nesta pesquisa.

A proposta da disciplina foi preparar e oferecer aulas para nossa própria turma a partir de uma pergunta norteadora, elaborada por nós e que, à primeira vista, parecia simples: *“Como trabalhar as imagens no ensino de Arte?”* Em um primeiro momento, tratei essa pergunta com certa presunção, acreditando que bastaria mobilizar alguns conceitos já estudados. Entretanto, à medida que a disciplina avançava, percebi que nossa turma não estava, de fato, respondendo a ela de maneira direta; faltava-nos compreender qual imagem, qual olhar e qual mundo estávamos dispostos a problematizar em sala de aula.

Foi somente com o desenvolvimento deste trabalho que um dos caminhos possíveis de aproximação para essa pergunta se tornou mais evidente para mim. A articulação entre cultura visual e visualidades populares mostrou-se uma chave potente para compreender como as imagens podem ser mobilizadas no ensino de Artes Visuais. Ao revisitar as visualidades da Romaria do Divino Pai Eterno, desde os trânsitos dos corpos até o comércio, as práticas devocionais e os rituais tradicionais, foi que percebi que elas revelam tensões, afetos, disputas simbólicas e camadas históricas que atravessam a vida social. Entendi que essas imagens não são apenas registros visuais, mas produtoras de sentido, capazes de interpelar quem as observa e de provocar discussões críticas sobre o mundo que nos forma. Levá-las para a sala de aula significa, portanto, convidar as/os estudantes a pensar sobre as estruturas de poder, os modos de vida, as desigualdades e as memórias e as práticas sociais que constituem nosso território.

Nesse processo, compreender as imagens que eu mesma capturei durante a Romaria foi fundamental para reconhecer como elas favorecem minha expressão

subjetiva e participam da construção da minha identidade docente. Ao revisitar minhas memórias, percebo que elas constituem o modo como olho, interpreto e significo o mundo, formando um repertório afetivo, cultural e político que me acompanha desde a infância. Estudar essas imagens me permitiu identificar elementos capazes de estimular sensibilidade, pertencimento e reflexão crítica na formação docente, elementos que dialogam com ancestralidades, tradições e visualidades contemporâneas que permeiam a vida em Goiás.

Defendo, assim, que essas visualidades populares da Romaria do Divino Pai Eterno são repertórios fundamentais e devem ser incorporadas à formação docente e às práticas pedagógicas. Valorizar o território e aproximar futuros professores e professoras de suas próprias histórias fortalece o reconhecimento da cultura popular como campo de conhecimento legítimo, capaz de produzir aprendizagens e ampliar o olhar. Ao trabalhar com visualidades locais, cria-se espaço para que estudantes reflitam sobre aquilo que os constitui como sujeitos visuais e como mediadores de visualidades, permitindo que exerçam sua prática com mais sensibilidade, empatia e consciência cultural.

A Romaria, com suas camadas de fé, consumo, tradição, resistência e afeto, evidencia que as imagens jamais são neutras: São experiências vividas, narrativas compartilhadas e modos de estar no mundo. Ao integrá-las ao ensino de Artes Visuais, tanto na formação docente quanto no ensino formal, encontrei não apenas uma resposta para a pergunta do estágio, mas também um caminho para afirmar minha identidade docente. Uma identidade construída no encontro entre minhas memórias, minha pesquisa e meu compromisso com uma educação que reconhece e valoriza as visualidades que moldam a vida em Goiás. Essa compreensão amplia o horizonte pedagógico e reafirma o papel da arte como campo de reflexão crítica, sensível e profundamente enraizado nas experiências culturais que nos constituem.

## Referências

- ABREU, Carla Luzia de. Arte, Cultura Visual e Educação: pensar, ver, fazer. In: \_\_\_\_\_ (org.) Arte, Cultura Visual e Educação: pensar, ver, fazer. *Coleção Desenrêdos*, volume 12, 2020, p. 6-15.
- ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 1–21.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. *Territórios de tradições e de festas*. Curitiba: UFPR, 2018
- AGÊNCIA CORA DE NOTÍCIAS. *Rodovia dos Romeiros*. Disponível em: <<https://agenciacoradenoticias.go.gov.br/materias-especiais/romaria-de-trindade-completa-185-anos>>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- BIROU, Alain. *Dicionário das ciências sociais*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1976.
- BORNHEIM, Gerd. O conceito de tradição. In: BORNHEIM, G. et al. *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Funarte, 1987.
- BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. *Pro-Posições*, Campinas, v. 27, n. 1 (79), p. 155–177, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/kBxPw6PW5kxtgJBfWMBXPhy/?format=pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- CAMPOS, Ricardo. A cultura visual e o olhar antropológico. *Visualidades*, v. 10, n. 1, p. 17–37, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23083>>. Acesso em: 22 out. 2025.
- CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. Tradução de Aurora Feroni Bernardini. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. O cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. In: ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. *Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Goiânia: Vieira, 2008. p. 75–97.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Prefácio. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. *Territórios de tradições e de festas*. Curitiba: UFPR, 2018. p. 9 - 12.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício; AZEVEDO, Helsio Amiro Motany de Albuquerque; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. Um mutirão de vozes, rostos e ações: uma leitura das paisagens da festa-romaria de Trindade, Goiás. *Sociedade e Território*, v. 30, n. 1, p. 169–189, 2018. DOI: 10.21680/2177-8396.2018v30n1ID12918. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeteritorio/article/view/12918>>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1981.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *Revista Pós*, Escola de Belas Artes, UFMG, v. 2, n. 4, 2012.

DUTRA, C. B.; MALHEIROS, J. A. C. *Dossiê: Arte, cultura visual e educação: pensar, ver, fazer*. 12. ed. Goiânia: Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, UFG, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Leda. Visualidades populares: construindo ecossistemas pedagógicos/investigativos em torno do tema. In: Anais do 23. *Encontro Nacional da ANPAP*, 2014, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ANPAP, p. 2352–2367, 2014. Disponível em:

<<https://anpap.org.br/anais/2014/simposios/simp%C3%B3sio05/Leda%20Guimar%C3%A3es.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2025.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Inês (orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: UFSM, 2011. p. 31–49.

JÁCOB, Amir Salomão. *A Santíssima Trindade do Barro Preto: história da romaria de Trindade*. 3. ed. Trindade: Editora da PUC Goiás, 2010.

JORNAL DAQUI. *Basílica terá visitas guiadas na Romaria do Divino em Trindade*. Disponível em: <<https://daqui.opopular.com.br/geral/basilica-tera-visitas-guiadas-na-romaria-do-divino-em-trindade-1.2673182>>. Acesso em: 14 out. 2025.

JORNAL OPÇÃO. *Vox Patris: maior sino do mundo chega em Trindade com evento repleto de fiéis*. Disponível em: <[https://www.jornalopcao.com.br/trindade/vox-patris-maior-sino-do-mundo-chega-em-trindade-com-evento-repleto-de-fieis-712607/#google\\_vignette](https://www.jornalopcao.com.br/trindade/vox-patris-maior-sino-do-mundo-chega-em-trindade-com-evento-repleto-de-fieis-712607/#google_vignette)>. Acesso em: 16 out. 2025.

MARTINS, Raimundo. Por que e como falamos da cultura visual? *Visualidades*, Goiânia, v. 4, n. 1–2, 2012. DOI: 10.5216/vis.v4i1ei2.17999. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17999>. Acesso em: 2 nov. 2025.

MUSEU VIRTUAL DE TRINDADE. Disponível em: <[https://www.facebook.com/groups/museuvirtualtrindadego/media?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/groups/museuvirtualtrindadego/media?locale=pt_BR)>. Acesso em: 14 out. 2025.

PAIVA, Gilberto. *Redentoristas em Goiás: 100 anos da presença missionária 1894–1994*. v. 1. Goiânia: Scala Editora, 2023.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira. *Trindade de Goiás: uma cidade-santuário. Conjunturas de um fenômeno religioso no Centro-Oeste Brasileiro*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1992.

TRILLA, Jaume; PUIG, Josep Maria. *A pedagogia do ócio*. Tradução de Valério Campos. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TRINDADE-GO. *Painéis da Rodovia dos Romeiros*. Disponível em: <<https://trindadego.com.br/paineis-da-rodovia-dos-romeiros/>>. Acesso em: 23 out. 2025.

TRINDADE-GO. *Castelinho do Beco dos Aflitos*. Disponível em:  
<<https://trindadego.com.br/castelinho-do-beco-dos-aflitos/>>. Acesso em: 24 out. 2025.